

Ano 11, Vol XXI, Número 1, Jan-jun, 2018, Pág. 209-229.

## CORPO MULTIFUNCIONAL: SENTIDO DA SEXUALIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Tayná da Silva Dalavale, Denis Guimarães Pereira & Ewerton Helder Bentes de Castro

**RESUMO:** Debater sobre a sexualidade é um processo complexo e constrangedor na maioria das vezes. Essa dificuldade acontece, pois, o tema sexualidade é considerado um tabu em nossa sociedade. Falar abertamente sobre as nuances da sexualidade e das revoluções sexuais que ocorrem ao longo da história da nossa sociedade, não é tarefa fácil. Buscar a compreensão da sexualidade para pessoas com deficiência, torna-se mais difícil ainda, uma vez que estas pessoas enfrentam a invisibilidade social e o preconceito em seus mais diversos aspectos. Nesse sentido, esta pesquisa objetiva em compreender a concepção de sentido da sexualidade para pessoas com deficiência, através de uma coleta de dados qualitativos, com oito participantes, sendo todos eles deficientes físicos de Acidente Vascular Cerebral –AVC e lesão medular. Foram utilizados os parâmetros do método fenomenológico de pesquisa em Psicologia utilizando entrevista áudio gravada, que partiu de uma questão norteadora. Foi utilizado para a análise dos dados os pressupostos da Psicologia Fenomenológico-Existencial. A pesquisa ocorreu no Programa de Atividades Motoras para Pessoas com Deficiência na cidade de Manaus e através dos resultados obtidos foi possível dividir a análise em três categorias: Compreensão da própria sexualidade: Autoimagem e Autocuidado; A negação da dificuldade de vivência da sexualidade: convivendo com o não-enfrentamento de sua própria condição e Ser-com-o-outro: A importância do papel da família na construção da sexualidade. Dentre as reflexões adquiridas com a pesquisa, uma das evidentes é a importância de ampliar as discussões acerca da sexualidade para pessoas com deficiência, no intuito de propiciar informação, saúde e qualidade de vida para aqueles que precisam viver com limitações.

Palavras-chave: Sexualidade, Fenomenologia, Pessoas com Deficiência.

**ABSTRACT:** Debating about sexuality is a complex and embarrassing process most of the time. This difficulty happens, therefore, the topic sexuality is considered a taboo in our society. Talking openly about the nuances of sexuality and sexual revolutions that occur throughout our society's history is no easy task. Seeking the understanding of sexuality for people with disabilities becomes even more difficult as these people face social invisibility and prejudice in its most diverse aspects. In this sense, this research aims to understand the conception of sexuality sense for people with disabilities, through a qualitative data collection, with eight participants, all of whom are physically handicapped by CVA and spinal cord injury. The research was carried out in a Program of Motor Activities for Persons with Disabilities in the city of Manaus and through the results obtained it was possible to divide the analysis into three categories: Understanding one's own sexuality: Self-image and Self-care; The denial of the difficulty of experiencing sexuality: living with the non-confrontation of its own condition and Being-with-the-other: The importance of the role of the family in the construction of sexuality. Among the reflections acquired from the research, one of the evident ones is the importance of broadening the discussions about sexuality for people with disabilities, in order to provide information, health and quality of life for those who need to live with limitations.

**Keywords:** Sexuality, Phenomenology, People with Disabilities.

## INTRODUÇÃO

A sexualidade se apresenta de formas diversas desde o início da vida. O corpo sente a sexualidade não apenas no ato sexual, mas também nos gestos, gostos e comunicações com o outro e com o mundo. O Ministério da Saúde (2013), conceitua a sexualidade como um conjunto de características humanas, traduzidas em diferentes formas de expressar a energia vital.

Tal conceito, afronta a antiga ideia dualista do cristianismo ocidental tradicional, o qual compreende a sexualidade genital para a procriação, mas rejeita o prazer que vem da concupiscência (BAPTISTA, 2004). Nesse sentido, a sexualidade foi por muitas décadas limitada às particularidades culturais de cada período, impedindo a vivência do corpo como um todo por aqueles que de alguma forma não desfrutavam da sexualidade padronizada.

Essas características humanas, que constituem a sexualidade, são sentidas pelo corpo, corpo este que é compreendido como uma totalidade de sensações e vivências. Merleau-Ponty aprofunda em muitos de seus trabalhos, a ideia do corpo que recebe e compartilha linguagem, sexualidade, espacialidade, motricidade e temporalidade (MEDEIROS, 2011).

A deficiência é uma condição que afeta temporariamente ou permanentemente as funcionalidades de alguma parte do corpo, de modo físico ou mental. A Organização Mundial da Saúde – OMS (2011), discorre acerca da deficiência, afirmando que se trata de um conceito complexo e dinâmico, que se integra com questões sociais e de funcionalidade, sofrendo alterações conceituais ao longo do tempo.

Dessa forma, entende-se que assim como a sexualidade, a deficiência também engloba diversos aspectos que interagem entre si. Ao se pensar em deficiência, muitos visualizam a ideia de um corpo limitado, um corpo deficiente e incapaz. Por outro lado, o corpo deficiente também se sujeita a todas as vivências que um corpo saudável vivencia, o corpo deficiente experimenta a sexualidade em seus vários aspectos e descobre-se junto e além de suas limitações.

Na perspectiva de Merleau-Ponty (2011) o corpo e a mente são indissociáveis, permanecendo juntos nas percepções sentidas pelo corpo na constituição do *ser-no-mundo*. Nesse sentido, vivenciar a sexualidade também é uma forma de ser-no-mundo, uma vez que através do corpo, da linguagem, do ato sexual, o sujeito se lança ao mundo e ao outro.

Ser deficiente também é uma forma de *ser-no-mundo*, é expressar-se através do corpo deficiente e buscar a existência junto com as limitações impostas pela deficiência. Lançar-se ao mundo enquanto pessoa com deficiência é um grande desafio, que sugere a necessidade de resiliência e enfrentamento de dificuldades diárias em várias esferas da vida. Lançar-se às vivências sexuais tendo um corpo deficiente, requer conhecimentos de que expressar-se sexualmente vai além do ato sexual, compreendendo perspectivas que possibilitam o corpo deficiente desfrutar de toda sua capacidade.

Diante disso, ao ter contato com o Programa de Atividades Motoras para Deficientes (PROAMDE) e criar vínculo com os alunos do Programa, foram realizadas breves pesquisas sobre a sexualidade no contexto das pessoas com deficiência e observamos a sexualidade como um grande obstáculo a ser enfrentado. Tal dificuldade, se refere principalmente à questão do ato sexual, visto que de uma forma geral, é a atribuição mais conhecida da sexualidade. Dessa forma, surgiu a inquietação da não-consciência dos diversos sentidos da sexualidade para esse grupo de pessoas.

Entendendo que a sexualidade vai muito além do ato sexual, me deparo com a vontade de realizar uma pesquisa na qual possa compreender algumas questões referentes ao corpo deficiente e sua sexualidade e de que forma vem atribuindo sentido às diversas possibilidades possíveis quando se trata desse assunto. De que forma a corporeidade de cada sujeito sofreu mudanças? Qual a concepção dessas pessoas acerca da corporeidade em um corpo com limitações decorrentes da deficiência?

A partir dessas reflexões, propõe-se um projeto de orientação final para atuar nas dependências do PROAMDE através de aplicações de entrevistas individuais com os cadeirantes e portadores de Acidente Vascular Cerebral (AVC) e Traumatismo Crânioencefálico (TCE), buscando compreender qual o sentido da sexualidade para eles utilizando-se da perspectiva fenomenológica-existencial de Maurice Merleau-Ponty, podendo sofrer alterações conforme as experiências vivenciadas pelo sujeito. O sentido da vida é subjetivo e de mudança cotidiana, visto que cada situação da vida constitui um desafio diferente.

Nas dependências da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF, localizada na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, teve início, acerca de 16 anos atrás, o Programa de Atividades Motoras para Deficientes – PROAMDE que visa oferecer aulas físicas e esportivas para pessoas com deficiência, no objetivo de facilitar o acesso e integração social do público-alvo.

Nesse sentido, esta pesquisa pretendeu compreender o sentido da sexualidade para cadeirantes e portadores de AVC e TCE, sob a perspectiva da psicologia fenomenológica-existencial, realizando entrevistas semi-dirigidas em alunos do Programa, no intuito de compreender suas interpretações acerca da sexualidade.

## MATERIAL E MÉTODO

As pesquisas qualitativas surgem com uma nova possibilidade de investigação para além das pesquisas de cunho empírico. Os autores (GARNICA, 1997; GIORGI & SOUZA, 2010; CASTRO, 2009; 2010) conceituam as abordagens qualitativas afirmando que o termo pesquisa se inova através da abordagem qualitativa, sendo compreendido a partir desse momento como uma trajetória circular em torno do que se deseja compreender, focando na qualidade e nos elementos significativos para o observador-investigador.

Na perspectiva qualitativa, não há neutralidade por parte do observador-investigador, pois o mesmo é ser-no-mundo que atribui significados, interage com o ambiente e estabelece relações. Dessa forma, sob essa perspectiva qualitativa não há conclusões, mas sim uma construção de resultados advindos da compreensão dos significados atribuídos às relações construídas. A compreensão nunca é definitiva, excluindo portanto, a possibilidade de conclusões.

O método utilizado nesta pesquisa teve como proposto o fenomenológico como via de investigação das experiências vividas enquanto fenômenos presentes na existência dos seres humanos, ou seja, um processo de descoberta do que é o essencial nesses fenômenos, quais os sentidos e significados atribuídos a experiência. Com isso, Andrade (2010) afirma que a utilização desse método é fundamentado em três fatores: na *redução fenomenológica*, uma possibilidade de acessar a verdade presente em cada sujeito pesquisado; na *intersubjetividade*, a relação entre pesquisador-pesquisado, duas histórias que se encontram em busca da compreensão do essencial; e *retornar ao vivido* onde o sujeito-pesquisado pode, enfim, retornar a sua própria história, lembrando e revivendo.

A metodologia fenomenológica é compreendida como um modo mais adequado de investigar o mundo vivido, tendo em vista sua busca por fenômenos do cotidiano, o que a caracteriza como uma perspectiva próxima às questões humanas, haja vista

compreender as diversas perspectivas, considerando o caráter mutável e relativo da verdade, impulsionado pela decorrência da temporalidade (PEREIRA & CASTRO, 2017; GIORGI & SOUZA, 2010).

Na fenomenologia, a metodologia qualitativa é utilizada no objetivo da compreensão de mundo através da interpretação de fenômenos e aspectos conscientes, conhecidos como intencionalidade de consciência, que consiste na direção da consciência para a dita compreensão de mundo. O método fenomenológico visa, portanto, a descrição total da experiência vivida, bem como os significados atribuídos pelos sujeitos que a vivenciam. A redução fenomenológica, juntamente com a descrição, é um procedimento metodológico que tem como premissa a crítica reflexiva dos conteúdos da descrição (PEREIRA & CASTRO, 2017; GIORGI & SOUZA, 2010).

#### 4.1 Participantes

Foram considerados 08 participantes, sendo 04 inscritos nas turmas de cadeirantes e 04 inscritos na turma de AVC/TCE do PROAMDE.

#### 4.2 Local da pesquisa:

A pesquisa foi realizada na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF – UFAM, local onde ocorrem as aulas do PROAMDE.

#### 4.3 Obtenção dos dados:

Para a obtenção de dados da pesquisa, optou-se pela entrevista fenomenológica. Esta se caracteriza como um instrumento de coleta, o qual se utiliza da narração das pessoas para a obtenção de dados para análise do fenômeno. Segundo Amatuzzi (2006), através da entrevista fenomenológica acontece a relação dialógica entre o sujeito e o pesquisador, o que torna possível a aproximação da experiência vivida.

A experiência vivida ocorre através da efetivação da consciência. Castro (2009), ao mencionar Carvalho (1991), pontua que a efetivação da consciência de si é aquela consciência referente ao modo de estar no mundo e enfrentar as situações da vida. Tal enfrentamento, ocorre após observação e captação da compreensão das vivências

presentes na vida de cada sujeito. Dessa forma, fica clara a interação corpo e consciência, onde sujeito é “corpo e corpo e consciência, sujeito encarnado no mundo, estrutura histórica e psicológica, poder de decisão e escolha, engajamento e abertura para o mundo” (CASTRO, 2009, p. 75).

Para a realização dessa pesquisa, dentro dos moldes supracitados, deu-se início à compreensão do desdobramento do fenômeno, através de duas questões norteadoras: “Qual o sentido da sexualidade para você? Esse sentido sempre foi o mesmo ou sofreu modificações ao longo dos acontecimentos da vida?”. Tais questionamentos, foram construídos de forma ampla e objetiva, para possibilitar aos participantes, a possibilidade de discorrerem acerca de todo e qualquer pensamento referente à temática do assunto.

O interesse da compreensão do sentido é investigado nas entrevistas de enfoque fenomenológico, as quais buscam entender o fenômeno para além do objetivo e enxergá-lo em sua totalidade (CASTRO, 2009). Desse modo, as questões norteadoras elaboradas para a coleta de dados dessa pesquisa, têm esse intuito de obter uma visão única e total do fenômeno pesquisado, através da fala dos participantes.

Inicialmente foi solicitada a autorização do PROAMDE/FEFF/UFAM para que se pudesse realizar a pesquisa. Em seguida, foi apresentado, de forma geral, o projeto para os possíveis participantes, buscando manter um clima de respeito mútuo. Após a apresentação, foi solicitada a participação voluntária dos prováveis participantes e a assinatura do Termo de consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

#### 4.4 Análise compreensiva das entrevistas

Martins e Bicudo (2005), discorrem acerca da pesquisa qualitativa afirmando que o foco do pesquisador deve ser o de perceber a si mesmo e perceber a realidade que o cerca em termos de possibilidades, buscando a compreensão de fenômenos e não de fatos (concretos e objetivos como investiga a pesquisa quantitativa). Essa compreensão da pesquisa qualitativa focada na compreensão dos fenômenos, é de enfoque fenomenológico.

O método qualitativo focalizado na compreensão e interpretação dos fenômenos, busca através da pesquisa conhecer a essência ou estrutura que se manifesta nas

descrições ou discursos dos sujeitos, manifestações essas que decorrem das relações que os sujeitos estabelecem com outros. O pesquisador visa a descrição do fenômeno por parte do sujeito pesquisado. A descrição necessita de uma aproximação entre o pesquisador e o pesquisado para o estabelecimento de uma comunicação (GIORGI & SOUZA, 2010). Assim, Martins e Bicudo (2005) indicam:

A transcrição literal de todas as entrevistas; leitura preliminar de cada entrevista com o intuito de se alcançar uma compreensão global e intuitiva de seu modo de existir durante suas experiências, ou seja, uma leitura atenta dos depoimentos sem buscar ainda qualquer interpretação, atributo ou elemento, a fim de encontrar o sentido geral do que está descrito; releitura reflexiva de cada uma das entrevistas com o objetivo de apreender os sentidos e significados na descrição, dentro de uma perspectiva, focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado, dessa forma o pesquisador pode vivenciar a experiência do sujeito, dessa maneira o fenômeno estudado é posto em frente aos olhos do pesquisador, com isso, envolvendo-se e distanciando-se quantas vezes forem necessários, encontrando as Unidades de Significado, pontos que indicam uma totalidade existente entre partes da descrição que surgem de maneira espontânea quando o pesquisador assume uma atitude fenomenológica, ou seja, o insight psicológico que o pesquisador tem do que está sendo dito, o que o outro está querendo me dizer naquilo que fala sob a forma de uma ou duas palavras; e buscar a convergência das unidades significativas para se chegar a uma descrição da vivência do sujeito que englobasse a todos, constituindo desta forma as categorias temáticas para a base da compreensão do fenômeno.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados para a pesquisa com base na leitura e releitura de seus conteúdos, possibilitaram elaborar quatro categorias de análise. A primeira categoria, *Compreensão da própria sexualidade: Autoimagem e Autocuidado*, bem como suas subcategorias que se referem à construção da própria autoimagem e do autocuidado, nos diferentes gêneros e na relação de cuidado com-o-outro. A segunda, *A negação da dificuldade de vivência da sexualidade: convivendo com o não-enfrentamento de sua própria condição*, que versa as resistências e angústia das pessoas com deficiência



acerca do enfrentamento de sua própria sexualidade, o autoperceito sobre sua própria condição e as interferências sociais na própria vivência da sexualidade. A terceira, *Ser-com-o-outro: A importância do papel da família na construção da sexualidade*, que consiste na exposição de conteúdos dos participantes, onde estes relatam a importância do aspecto familiar na construção da sexualidade, bem como a concepção de família a partir da convivência com seus próprios família

### **Categoria 1: Compreensão da própria sexualidade: Autoimagem e Autocuidado**

A primeira categoria, foi escolhida com foco principal na concepção de sexualidade que cada participante tem, imbricando para os aspectos da autoimagem e do autocuidado. No decorrer da pesquisa, ficou visível a discrepância de compreensão da própria sexualidade entre os gêneros masculino e feminino. A aceitação da sexualidade perpassa a aceitação de sua própria condição, a construção da autoimagem e a relação dos participantes acerca de sua relação de cuidado e autocuidado. Para a melhor compreensão desta temática, esta primeira categoria foi dividida em cinco subcategorias: *Aceitação da própria condição e do desejo sexual; A construção da autoimagem sob o olhar do outro; O autocuidado e a permissão do cuidado do outro; Yin-Yang: A compreensão da autoimagem nos diferentes gêneros; Satisfazendo seu próprio desejo através do outro.*

#### **Subcategoria 1.1: Aceitação da própria condição**

Viver com deficiência não é tarefa fácil, tanto para os que nasceram com a limitação, quanto os que adquiriram a deficiência com o passar do tempo. Aceitar sua própria condição, é aceitar um corpo limitado, aceitar que uma cadeira é parte de seu corpo também.

“É.. na verdade pra mim, eu adquiri uma outra maneira de pensar sobre a sexualidade. Como a gente assim, cadeirante, nós cadeirantes, muita gente vai perguntar: “ah, tua sexualidade funciona? E tal? Como



é que é? E na hora H?” Muitos dos cadeirantes dizem: “Ah não, funciona. Completamente normal. Completamente assim, vamo dizer 100%” eu como cadeirante, sei que não é. Eu como cadeirante e tendo a deficiência também, a escoliose mielomeningocele, sei que não é, sei que tem muitos problemas.. sei que pra acontecer algo na hora H precisa dum psicológico bom.. duma mente muito aberta, de estar à vontade com a parceira e como eu falei, a parceira tem uma grande participação pra acontecer. Se acontecer alguma aporrinhção, alguma coisa assim que não agrada, não vai, não acontece. Ou acontece de forma pela metade” - (C2)

“ [...] ...tive que fazer alguns ajustes pra.. continuar a vida.. né. Mas, por exemplo.. hm... depois do acidente eu passei praticamente um ano eu poder me envolver novamente com uma pessoa. No começo assim foi muito difícil... [...] ” – (A1)

Os relatos dos participantes indicam a dificuldade imposta pela deficiência para a realização da prática sexual e a conseqüente facilitação daqueles que conseguem ressignificar sua própria condição e se aceitam como deficientes. A facticidade que se abateu sobre essas pessoas – a deficiência – fez com que redimensionassem o ser-si-mesmo. E nisto, ressignificar esse novo momento e condição de ser-no-mundo. Considerando o primeiro momento de cada um dos participantes, de acordo com Barreto (2013, p. 41)) a objetificação (da sexualidade, neste caso) lança o “*Dasein nos sofrimentos de sua a-patridade, isto é, exila o homem do ai (Da) de sua pátria essencial, empurrando-o na derrelição e no abandono, longe de ser*”.

Contudo, outro movimento é percebido na fala dos participantes, o que considero um segundo momento. A estranheza inicial leva-os ao que Heidegger (2013) pressupõe como decadência. Entretanto, o ser-no-mundo é possibilidade, pode extraviar-se e desconhecer a si mesmo. Por outro lado, ha o encontrar-se com a responsabilidade de experienciar ser-si-mesmo em que se descobre como tarefa de poder-ser, eis o segundo momento das falas. Eles, apesar das dificuldades inerentes à deficiência, apropriam-se de si mesmos.

A forma como o individuo se mostra, se posiciona, atua, ou seja, a forma como vemos o seu corpo e como é o relacionamento dele com o mundo, mostra como o individuo se sente em relação aos próprios objetivos e como lida com as dificuldades. “*Porque nosso corpo é para nós o espelho de nosso ser [...]*”. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 236) O corpo nada mais é que o próprio ser se manifestando.

## Subcategoria 1.2: A construção da autoimagem sob o olhar do outro

Esta subcategoria discorre acerca dos conteúdos relacionados à construção da autoimagem dos participantes a partir de sua vivência com o outro. É possível verificar as nuances entre uma construção onde o olhar do outro agrega motivação e aceitação da vivência de sua própria sexualidade e uma construção onde o olhar do outro limita e impede a o desenvolvimento de sua própria experiência corpórea.

Sempre eu fui [...] como é que chama [...] negado, né? ...é, negado.. de repente eu falo com a mulher e ela “não, aquele ali é cadeirante e tal, não faz nada” aí isso... aí a gente só sabe fazendo né. Aí gente fica tudo.. sabe.. fazendo coisa.. ora da cara da gente né, aí eu também não fiz nada” – (C3)

“A gente tinha cortado relações antes do acidente e depois de um ano ele resolveu ir na minha casa. E quando chegou lá, ele me encontrou assim. Foi um choque pra ele, né?. E ele quis, me conquistou de novo. Entendeu? Eu de certa forma fiquei até surpresa, porque era bem mais fácil pra ele virar as costas, ir embora. Não, ele persistiu. Hoje, quando eu me sinto paquerada, me sinto deseja, eu já não to mais.. não me chama muita atenção” – (A1)

“Assim, pra mim, que sou mulher.. eu acho que a sexualidade mexe.. com a mulher principalmente.. ela pode mexer tanto com a aparência, quanto com a relação sexual né. Porque a mulher na sexualidade, ela já atrai o homem na visão física, né?. Depois que ele viu, que ele ficou assim entusiasmado, é que você vai pro ato mesmo né?, pra relação sexual” – (C1)

Nas falas dos participantes, é possível perceber que independentemente do contexto da deficiência e do tipo de relação estabelecida com-o-outro, o olhar desse outro exerce poder na construção da autoimagem e do autoconceito dos participantes. R.C.O. relata que apesar de sempre se sentir mulher, com o advento do retorno de um relacionamento amoroso do passado, o qual seu parceiro optou por permanecer na relação mesmo ciente de sua deficiência, lhe causou sentimentos de desejo e aumento de autoestima. Por outro lado, J.R. discorre acerca de sua dificuldade para se relacionar, uma vez que o outro não se interessa em realizar o ato sexual e criar laços afetivos com um cadeirante. Em seu livro Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty (2011), relata que:

“Para que outro não seja uma palavra vã, é preciso que minha existência nunca se reduza à consciência que tenho de existir, que ela envolva também a consciência que dele se possa ter e, portanto, minha encarnação em uma natureza e pelo menos a possibilidade de uma situação histórica” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 13).

Dessa forma, é possível refletir acerca das variadas formas de construção da autoimagem a partir do olhar do outro, uma vez que não é possível reduzir sua própria existência apenas à sua própria consciência, o outro precisa fazer parte dessa construção, pois não é possível lançar-se no mundo apenas com seu próprio olhar. Dentro do aspecto da deficiência, construir sua autoimagem a partir do outro, sabendo de sua limitação, pode tornar-se uma construção defasada e angustiante, uma vez que sua própria consciência não se percebe de forma inteira e autônoma e por consequência, acredita que o outro não poderá vê-la de forma positiva também.

Para Merleau-Ponty (2011), na relação com o outro, o corpo pode ser reduzido a um objeto sobre o olhar de senhor do outro ou ter seu próprio desejo reconhecido pelo outro se tornando senhor de si mesmo. A opinião do outro perde a categoria de algo a ser reconhecido e o ser liberta-se para viver os seus sonhos e suas vontades.

### **Subcategoria 1.3: O autocuidado e a permissão do cuidado do outro**

Esta subcategoria relata as nuances de autocuidado e permissão de cuidado do outro, percorridas nas entrevistas realizadas com os participantes. Os entrevistados relatam, em sua maioria, um intenso esforço em serem independentes e não necessitarem de relacionamentos amorosos em sua vida, a não ser as relações familiares já estabelecidas. Nessa perspectiva, apresentam dificuldade na permissão da criação de um laço de afeto e cuidado com outra pessoa.

“É, independente. Porque se eu ficar só, não tem importância. Eu levo a mesma vida que eu tenho (...). Agora se eu ficar só, eu arrumo uma pessoa pra dormir” – (A2)

“Aí.. também quando eu fui, tive a primeira relação, eu já tava há bastante tempo com uma pessoa, uma certa pessoa e eu sentia que ele.. como eu posso dizer? Aquela proteção. Que eu sabia que ali se

acontecesse algo, ou como eu falo, sempre tive medo da gravidez né. Ou se a gravidez acontecesse ali, eu taria resguardada por causa daquela pessoa que tava lá comigo” – (C1)

“Não. Não. Não, porque eu vou lhe dizer uma coisa: pra mim casar hoje, acho que o homem que eu idealizei, nem existe. Não quero ter trabalho com ninguém, eu quero alguém que cuide de mim. Eu quero ser cuidada. Eu não quero cuidar de ninguém. Então, tipo assim: se pra ter mais trabalho, mais problemas, eu tenho a felicidade plena” – (A1)

Sentir-se independente é saudável e torna o ser humano mais autônomo e passível de fazer suas próprias escolhas com clareza. Porém, a partir do momento que tal autonomia interfere na permissão de cuidado do outro, esse aspecto pode tornar-se origem de sofrimentos e angústias.

Merleau-Ponty (2011) relata em seu livro, *A Fenomenologia da Percepção*, acerca da dialética do Ego e do Alter, acerca da necessidade de ser em si mesmo externamente (o corpo) para que o outro possa visualizar sua essência. Trazendo para a discussão da fala supracitada, o cuidado do outro só é possível a partir do autocuidado, uma vez que os laços afetivos só se criam a partir da permissão de apreço e expressão desse Eu exterior e interior para o outro.

## **Categoria 2: Não-aceitação da dificuldade de vivência da sexualidade: convivendo com o não-enfrentamento de sua própria condição**

A experiência sexual, de maneira ampliada, é um processo fisiológico natural, sentido por todos de uma forma ou de outra. Porém, pode ser difícil o enfrentamento da não vivência de sua própria sexualidade, uma vez que aspectos externos e irreversíveis, desmotivam e limitam àqueles que não enfrentam sua própria condição. Desse modo, esta categoria se encarrega de desvelar os aspectos que envolvem a não-aceitação dos enfrentamentos vivenciados no que se refere à sexualidade das pessoas com deficiência.

## **Subcategoria 2.1: A impossibilidade de se permitir vivenciar sua própria sexualidade**

A seguinte subcategoria evidencia os relatos dos participantes acerca de seus medos e impossibilidades de enfrentamentos de suas limitações físicas. Tais impossibilidades causam recuo no avanço da vivência da sexualidade, lançando-se no mundo de forma incompleta.

“Eu nunca mais tive (...) É porque eu tenho medo (...) Da parceira. Da parceira não querer (...) É porque eu tenho deficiência” – (A4)

A fala do participante sugere a não-aceitação de sua própria condição e de sua própria sexualidade, convertendo-se em recusa de contato com-o-outro por receio de ser rejeitado pelo outro da mesma forma que se rejeita. *Ser-com*, para Heidegger (2013) esta é a maior característica do ser-no-mundo, o mundo das relações, o mundo humano. Afinal, as relações traduzem como cada pessoa se lança no mundo. Entretanto, estas relações também podem levar o indivíduo a desenvolver atitudes não-condizentes ao ser-com. Como no caso do participante, o medo, o temor de não ser aceito pela parceira em virtude de ser deficiente, o leva a angustiar-se diante da possibilidade de relacionar-se, e como diz Castro (2009) a angústia torna-se, nesse momento, a tempestade do ser. Não se percebe capaz de ir além da deficiência, é a própria deficiência.

“É.. quase a gente não faz, né? Aí fica difícil pra fazer. Não é um problema pra mim” – (C3)

No relato acima, é possível perceber as indisponibilidades emocionais do participante em questão de permitir-se vivenciar sua sexualidade, por conta da limitação de ser cadeirante. Quando indagado sobre sua concepção de sexualidade, este relatou que se trata única e exclusivamente do ato sexual. Tal fato salienta a incompreensão da abrangência da sexualidade para além do ato sexual e da possibilidade de enfrentamento através do autoconhecimento e da autoconfiança. Esta imersão na sexualidade, sendo compreendida apenas como ato sexual, leva ao encontro do que Heidegger (2013) denomina como inautenticidade, ou seja, observo a facticidade, a vida, ou uma situação

específica somente sob uma perspectiva e, assim, não consigo ver ou perceber outros modos-de-ser-no-mundo.

## **Subcategoria 2.2: O autopreconceito de sua própria deficiência**

O objetivo desta subcategoria é fornecer os relatos a respeito do preconceito do próprio deficiente com sua deficiência e buscar compreender de que forma tal aspecto pode prejudicar sua forma de ser-no-mundo.

“(...) pra uma menina sem deficiência, acontece mais cedo né. E também, foi aos 22 anos, porque eu tinha um medo. Tanto da deficiência, como sempre ouvi falar que da primeira vez pode ser que engravide e não sei o quê” - (C1)

“Rapaz.. normal é.. fazer né, o que a mulher se sintia bem né.. e... sempre eu fui.. como é que chama.. negado né.. é, negado.. de repente eu falo com a mulher e ela “não, aquele ali é cadeirante e tal, não faz nada” aí isso aí a gente só sabe fazendo né. Aí gente fica tudo.. sabe.. fazendo coisa.. ora da cara da gente né, aí eu também não fiz nada” – (C3)

“Eu acho que eu teria um pouco de vergonha. Então, algumas coisas que eu ainda tenho um pouco assim de receio. Eu só saio se for com uma pessoa mesmo, que me conhece, que me ajuda, em questão assim de ir pra um banho, por exemplo” – (A1)

Nos relatos percorridos pelos entrevistados, é possível observar a recusa em aceitar sua própria condição sob o discurso de que a rejeição vem do outro e não de si mesmo. Rogers (2001) relata acerca de sua própria experiência, contando de seu sentimento de fracasso e rejeição, como um sentimento que o faz perder de si mesmo. Trazendo para o aspecto da deficiência, a rejeição de si mesmo, de sua própria condição e de sua própria sexualidade, promove um processo de perda de si mesmo para aquele que não consegue ser-no-mundo de forma saudável e completa, considerando-se menos que o outro por não ter acesso à vida sexual por conta da limitação física causada pela deficiência.

A percepção do corpo se dá pelo conhecimento e pelos gestos, estes que mostram como o indivíduo pensa e como significa o mundo, a sua existência. O corpo é o mesmo que vê e que toca. É pelo corpo que o sujeito se mostra, porque ele não está no corpo, ele é o próprio corpo e sua forma de existir e relacionar-se no mundo

(MERLEAU-PONTY, 2011), pensamento que caracteriza o que expressaram os participantes.

Merleau-Ponty (2011) ressalta que o corpo é o responsável por fechar, mas também por abrir o sujeito ao mundo, permitindo ele vivenciar novas e antigas experiências, re-descobrimo sua existência. E, neste caso, percebe-se que há o fechar em relação ao outro, por medo de não ser aceito devido a deficiência.

### **Subcategoria 2.3: A não-aceitação do outro**

O último aspecto a ser desvelado nesta categoria, diz respeito à não-aceitação do outro, sendo esta recusa relacionada ao contato com o outro e à aceitação daquele que realiza e pensa de forma diferente. Sousa e Moiclano (2013) relatam acerca dos estereótipos sociais e da discriminação que acontece quando a temática homossexualidade é colocada em pauta na sociedade.

“Todo homem é ali no geral. Todo homem é criado pra ser macho. Gostar de mulher, né” – (A3.)

“Virilidade? É não só ter condições de fazer o ato sexual, ter a mulher, ser o cara. Eu já fui, não vou negar. Mas, depois do AVC.... aí fiquei quieto só” – (A3)

“A heterossexualidade é a normal né, gosta de homem. Então eu sou a hétero. E nem passa pela minha cabeça mudar. Porque é de homem que eu gosto. Negócio de tá se esfregando em outra mulher, não tenho nada contra, desde que não venha se esfregar aqui do meu lado. Mas, não tenho nada contra, não tenho nada a ver com a vida de ninguém. Entendeu? Procuo não ser preconceituosa. Mas, diz que a gente diz que não é preconceituoso, mas quando o problema é dentro da casa da gente, aí que a gente sabe se a gente é preconceituoso ou não, né. Mas, eu sou hétero, não tenho nenhum fetiche de querer praticar sexo com dois, com duas, não. (...)” – (A1)

Através dos relatos dos participantes, é possível iniciar uma reflexão acerca da concepção de normal e de formas de se relacionar com o outro. Percebe-se na fala de cada um dos entrevistados supracitados, a presença de conteúdos socialmente reproduzidos, os quais denunciam a fragilidade que esses temas têm na sociedade, apesar das inúmeras discussões criadas.



Antunes (2017) discorre acerca do conceito de internalização, afirmando que se trata de um processo onde o indivíduo acrescenta para si, crenças, valores e modelos de comportamento da sociedade, permitindo que estes aspectos tenham influência sobre sua visão de mundo. Através de conceito, é possível compreender a presença de conteúdos socialmente reproduzidos na fala dos participantes, uma vez que muitos valores e modelos de comportamentos que imperam na sociedade atual, possuem como conteúdo, temas que ainda são tabus no meio social.

Aceitar sua própria condição como normal é intitular a condição do outro como anormal, negativa, diferente. Antunes (2017), relata acerca da proposta de pirâmide valorativa de Gayle Rubin (1999), na qual desvela a sexualidade divididas em categorias, onde a heterossexualidade é considerada normal e aceitável e a sexualidade homossexual é considerada promíscua e anormal. Desse modo, observa-se mais uma vez a condição do diferente sendo criticada e imposta de forma negativa, perdendo espaço para a compreensão de normal e aceitável segundo as normas socialmente impostas.

É possível promover uma discussão sobre o conceito de normal na questão de gênero? A resposta fica difícil de responder, uma vez que a fenomenologia preocupa-se com o vivido e com o conteúdo que o outro expressa. Porém, por outro lado o preconceito molda-se aos discursos e por vezes as falas carregadas de reproduções sociais acabam passando despercebidas.

### **Categoria 3: Ser-com-o-outro: A importância do papel da família na construção da sexualidade**

Esta última categoria revela os discursos dos participantes, no que diz respeito à influência familiar na construção da compreensão da sexualidade dos entrevistados. Estes discorrem acerca da importância que a abertura e o apoio familiar para a concepção de uma vivência sexual saudável, segura e definida.

Sousa & Lopes (2016) descrevem o conceito de família como um espaço de influência para os que estão nela presente, propiciando modelos de conduta entre os familiares que compartilham experiências.

Aspecto levantado pelos participantes, refere-se à contribuição dos familiares para o tratamento da deficiência e conseqüentemente, o sentimento de segurança que esse cuidado familiar oferece em diversos aspectos da vida.

“Minha mãe. Minha mãe ela sempre tava em cima, entendeu? Porque assim, ela também tinha esse medo por causa da minha deficiência, da pessoa que eu me relaciono soubesse me tratar, entendeu? Ela sempre me dizia, olha, cuidado com isso e com aquilo. Mas, nunca me impediu de fazer. Entendeu? Mas, sempre naquele cuidado. Naquela preservação de mim, de não acontecer nada de mal.” – (C1)

“Para mim é tudo que alguém pode ter. Não só para os momentos bons, mas para esse que eu to passando na minha vida. Sem a família, a gente não tem condições de seguir.” – (A3)

Outro aspecto levantado por um dos participantes, diz respeito à sua preocupação com a concepção e reprodução de conteúdos sexuais na atualidade. Este relatou em diversos momentos da entrevista acerca de sua preocupação com seus filhos e com jovens que estão imersos na sociedade atual, a qual não oferece instrução e informação para aqueles que precisam conhecer os aspectos positivos e negativos da sociedade. Dias, (2000) discorre acerca do entendimento de que a sexualidade ocorre para o autoconhecimento. Dessa forma, é possível compreender o questionamento levantado pelo participante, uma vez que os jovens buscam a experiência sexual cada vez mais cedo, em visa de uma compreensão melhor de si mesmo.

“A única que a gente pode fazer é falar com os nossos filhos para que não aconteça coisa pior como tá no nosso mundo, através de sexualidade, muitas menina grávidas, muitos jovens por aí como pai, que se mete por aí e não entende nem de pai” – (C4)

Um terceiro aspecto observado nas entrevistas, refere-se acerca das influências familiares para a construção de sua própria sexualidade. Em algumas falas fica visível a construção de sua forma de ser-no-mundo e sua forma de vivenciar a sexualidade, intimamente ligada com a compreensão familiar desses aspectos:

“Não. Não tenho interesse. Até porque, eu sou uma pessoa que nunca casei. Não foi por não querer, foi por opção. Porque eu sou feliz do jeito que eu sou. Eu tenho uma filha de 27 anos. Eu sou feliz, eu me sinto feliz assim. Entendeu? Então eu acredito que eu nasci pra isso, cada qual na sua casa e na hora do bem bom a gente se junta e se fica

e faz o que tem que fazer e depois, sabe, cada qual parte pro seu. É uma coisa minha. É uma coisa da minha mãe. A minha mãe também é solteira. Então tipo, minha mãe também nunca casou. Nunca fez questão de ficar com ninguém. Então parece que eu herdei dela e minha filha tá herdando, porque tá com 27 anos e nem filho, nem marido. Entendeu?" – (A1)

A partir de tais relatos, percebe-se a importância do apoio familiar para a construção de uma sexualidade saudável e liberta. Além disso, os aspectos socioculturais podem ser tóxicos nessa construção, uma vez que a compreensão de sexualidade é diferente em cada cultura e em cada esteio familiar.

Ora, Merleau-Ponty (2011) no capítulo *Outrem e o Mundo Humano*, considera que é justamente a partir de meu corpo que apreendo o outro, é o que chama de *intermundo*. E nesse *intermundo*, apesar de ser projeto meu, é nessa coexistência que a corporeidade manifesta e, a partir das falas, mostra o sentido da ressignificação do *ser-no-mundo-sendo* deficiente na relação com a família.

Considerando o que as falas expõem, percebo o *Cuidado (Sorge)* como um dos fatores fundamentais vivenciados na relação com familiares. Heidegger (2013) afirma que *ser-no-mundo* é *ser-de-cuidado*, ou seja, nós pertencemos à esfera do cuidado e com isso nos construímos e constituímos enquanto pessoas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade é um dos aspectos mais importantes da vida do ser humano. Além dos benefícios fisiológicos que o ato sexual proporciona ao corpo humano, vivenciar um momento de intimidade com-o-outro é uma das formas de lançar-se no mundo e lançar-se no contato com outro. Todavia, a sexualidade abrange parâmetros para além da relação sexual, como a criação de laços e de relações.

Os aspectos que regem a concepção de sexualidade são direcionados por diversos fatores, sendo eles intrínsecos, mas também sociais e culturais. Muitas pessoas têm medo de falar de sua própria sexualidade e debater sobre o assunto. Para as pessoas com deficiência, não ocorre de forma diferenciada, uma vez que além das limitações físicas ou mentais impostas pela própria deficiência, perceber-se como um corpo sexual não é tarefa fácil.

Dessa forma, o objetivo da pesquisa de compreender o sentido da sexualidade para pessoas com deficiência foi atingido, sendo possível perceber questões para além da concepção da sexualidade como a rejeição do próprio corpo e a negação da própria necessidade sexual. A realização das entrevistas foi de suma importância para possibilitar a reflexão acerca dos aspectos sociais e culturais que cercam os participantes.

A realização de um estudo sob a perspectiva do método fenomenológico-existencial possibilitou o acolhimento das informações trazidas pelos participantes de forma mais espontânea, uma vez que tal método permite ao entrevistador maior liberdade para seguir os questionamentos que surgem durante o contato com o outro, fato que facilita a análise posterior dos dados colhidos.

Durante a reunião das informações colhidas na coleta, ficou evidente a necessidade de ampliação de discussão dos aspectos da sexualidade em pessoas com deficiência. Além disso, é perceptível a necessidade de dialogar com os aspectos que envolvem a sexualidade, como a questão de gênero, de orientação sexual e as diversas formas de enfrentamento das dificuldades de vivenciar a sexualidade.

Nas entrevistas, ficou clara a dificuldade de expressão de alguns participantes acerca de sua construção sexual e de seu sentimento de rejeição a partir do outro. Aceitar-se como ser sexuado, pode ser um processo doloroso uma vez que ainda há traços rígidos e preconceituosos na sociedade atual.

Ser deficiente e vivenciar sua sexualidade de forma plena, é considerada uma exceção pelas próprias pessoas com deficiência, as quais destacam que a sexualidade é um tabu para todos e permitir-se estar com outra pessoa sabendo de suas limitações e das possibilidades e das possibilidades de haver algum tipo de constrangimento durante o ato sexual, requer autonomia de si mesmo e a certeza de que é possível sentir prazer apesar das limitações.

Salienta-se ainda a observação acerca da concepção da sexualidade sendo puramente como ato sexual por grande parte dos participantes, os quais mencionaram em suas entrevistas que separação a relação sexual da relação amorosa e da possibilidade de criação do laço afetivo. Com isso, é possível perceber conhecer o próprio corpo e conhecer os próprios sentidos e sensações, é importante para se ter acesso às inúmeras formas de vivenciar a sexualidade para além do ato sexual.

Diversas reflexões foram possíveis através desta pesquisa, permitindo a propiciação de tais conteúdos para salientar a necessidade de ampliar as discussões sobre o assunto. A mudança acontece a partir de debates e ações, portanto, cada passo direcionado a promover comunicação sobre essa temática, será de grande ajuda para o desenvolvimento desse aspecto.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. C., HOLANDA, A. F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de psicologia*. Campinas. 2010, vol.27, n.2, pp. 259-268
- ANTUNES, P. S. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. *Revista Kairós - Gerontologia*, 20(1), pp. 311-335. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEGG/PUC-SP, 2017
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde sexual e saúde reprodutiva* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger In: CASTRO, E.H.B. *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa* – Curitiba: Appris, 2017, p. 17-26.
- CASTRO, E.H.B.C. *A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger*. Ribeirão Preto (2009). Tese (Doutorado) não-publicada. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP, 2009
- DE PAULA, O. R. *Intensidade de esforço na competição de dança esportiva em cadeira de rodas*. 2010. 55 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Desportos, UFJF, Juiz de Fora, 2010.
- DIAS, A. C. G. & GOMES, W. B. Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2000, vol.13, n.1, pp.109-125.
- FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. – 37 ed - Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Rio de Janeiro, 1997, p. 17-28
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.
- LOPES, A. M. P. & SOUSA, E. T. de. *As (Im)Possibilidades de escolha para vivências homoafetivas e heteroafetivas*. UNISUL – Santa Catarina. 2016.
- MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia*. 5. ed. - São Paulo: Moraes, 2005.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção* (C. Moura, Trad.). 2 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2011 (Texto original publicado em 1945).
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Relatório mundial sobre a deficiência / World Health Organization, The World Bank; tradução Lexicus Serviços Lingüísticos.* - São Paulo: SEDPcD, 2012. Título original: World report on disability 2011.

PEREIRA, D.G. & CASTRO, E.H.B. O método fenomenológico de pesquisa em Psicologia In: CASTRO, E.H.B. *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa* – Curitiba: Appris, 2017, p. 43-48.

ROGERS, C. R. *Tornar-se pessoa*. 5. ed São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SADALA, M.L.A. A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty. In: *Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos*, 2. 2004, Bauru.

SOUSA, M. J. A. & LOPES, C. M. M. Homens gays com deficiência congênita e/ou adquirida, física e/ou sensorial: duplo-fardo social. *Sex., Salud Soc.* (Rio J.) [online]. 2015, n.20, pp.72-90. ISSN 1984-6487.

**Recebido 20/4/2018.**

**Aceito: 20/6/2018.**

**Sobre os autores e contato:**

**Tayná da Silva Dalavale**, Universidade Federal do Amazonas,  
E-mail: taayna\_dalavale@hotmail.com

**Denis Guimarães Pereira**: Universidade Federal do Amazonas,  
E-mail denis.guimaraes33@gmail.com

**Ewerton Helder Bentes de Castro**, Universidade Federal do Amazonas,  
E-mail ewertonhelder@gmail.com